

## UM TRIENTE DE VITIZA PROCEDENTE DE ALVA (CASTRO DAIRE)

Mário Jorge Barroca

O aparecimento de um triente visigótico com procedência conhecida é um acontecimento que merece ser registado, nem que seja através de uma pequena nótula. No presente caso, porque se trata de um triente de Vitiza, cunhado entre 702 e 710, as razões são ainda maiores. Primeiro, porque são relativamente raras as moedas deste monarca em que se conhece a localização exacta do achado - pouco mais de uma dezena. Depois porque, por força da sua cronologia, esta moeda revela-se o mais antigo testemunho para o povoamento de Alva, podendo ser colocado em paralelo com outros testemunhos altomedievicos da zona. Ela ajuda, assim, a lançar alguma luz sobre os conturbados tempos desses inícios do Séc. VIII, pautados pelo colapso do Reino Visigótico de Toledo e pelos primeiros anos da fixação muçulmana na Península. Esta pequena moeda tem, por isso, um assinalável interesse histórico.

### 1. A moeda

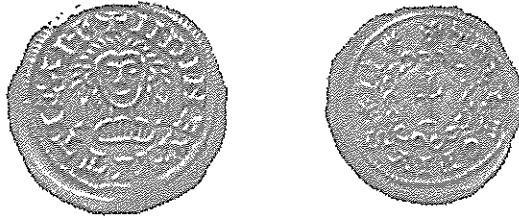
Há uns meses atrás fomos contactados, por um familiar dos actuais proprietários, para procedermos à análise e à classificação de uma pequena moeda de ouro, supostamente visigótica, encontrada há uns anos numa pequena aldeia beirã.

Confrontados com a moeda, não tivemos dificuldade em reconhecer um *triens* ou triente de Vitiza que apresenta as seguintes características:

*Descrição do Anverso:* Ao centro, a representação do monarca, em retrato frontal, com corpo reduzido ao busto e estilizado na forma de contorno ovalado, preenchido por nove pequenos segmentos de recta paralelos. A face, ovalada, apresenta-se com um tratamento *naïf*. Os cabelos longos foram representados de forma estilizada e com desenvolvimento simétrico<sup>1</sup>. O busto apresenta-se ladeado, à esquerda e à direita, por pequenas palmetas estilizadas.

---

<sup>1</sup> O busto corresponde ao tipo 11o de Miles.



Triente de Vítiva (Alva, Castro Daire)

*Legenda do Anverso:* + IN DI NE WITTIZA P + (ou seja «IN DeI NominE WITTIZA Pivs»)

*Descrição do Reverso:* Ao centro, cruz latina potentada, enquadrada por coroa formada por motivo entrelaçado à maneira de corrente.

*Legenda do Reverso:* + TOLETO PIVS \* ψ \* (em que “ψ “ corresponde a duas pequenas palmetas estilizadas)

*Ceca:* Toledo

*Peso:* 1, 513 g

*Diâmetro:* 19,40 mm

*Eixo:* ← (9H00)

*Classificação:* Miles, 500(d) variante <sup>2</sup>; Maria José y Rafael Chaves, nº 371 <sup>3</sup>

*Obs.:* O exemplar classificado por George Miles com a referência 500(d) apresenta apenas uma palmetas no remate da legenda do reverso, enquanto que o nosso exemplar ostenta duas palmetas.

Os dados sobre as condições de achado desta moeda são muito parcos. De concreto sabemos apenas que apareceu há década e meia, nos finais dos anos 80 ou inícios da década de 90 do século XX, num terreno junto do adro da Igreja paroquial de S. Martinho de Alva (freguesia de Alva, concelho Castro Daire, distrito de Viseu). A moeda encontrava-se visível, à superfície. Se o seu contexto fosse funerário, seria mais um exemplo da sobrevivência tardia do costume pagão de pagar o óbulo a Caronte. No entanto, em face das circunstâncias do achado, não é possível assegurar qual o contexto exacto a que estaria associado.

Cronologicamente esta moeda pode ser atribuída ao período de 702-710, quando Vitiza já governava sozinho o Reino Visigótico de Toledo. Com efeito, Vitiza foi chamado

<sup>2</sup> Cf. George Miles, *The Coinage of the Visigoths of Spain. Leovigild to Achila II*, New York, The American Numismatic Society, 1952.

<sup>3</sup> Cf. Maria José y Rafael Chaves, *Catálogo General de las Monedas Españolas*, vol. II, *Acuñaiones Previsigodas y Visigodas en Hispania desde Honorio a Achila II*, Madrid, Vico & Segarra, 1984.

ao poder por seu pai, Égica (687-702), que o associou à governação na fase final do seu reinado, a partir de 698, tendo-lhe confiado os destinos da *Gallaecia*. Após a morte de Égica, ocorrida em 702, Vitiza foi coroado e governou o reino visigótico nos seus derradeiros anos, falecendo em 710 e deixando em aberto a crise sucessória que acabou por ditar a intervenção muçulmana na Península Ibérica<sup>4</sup>. Associadas a estas duas fases da sua governação são conhecidos trientes de Égica/Vitiza e, de seguida, trientes cunhados apenas em nome de Vitiza. A moeda aparecida em Alva pertence, portanto, a esta segunda fase, quando Vitiza já governava sozinho, podendo ser atribuída ao período que medeia entre 702 e 710.

Na sua fase de governação autónoma, Vitiza cunhou trientes em catorze *cecas* distintas: Narbonne, Barcelona, Zaragoza, Gerona, Tarragona, Mentesa, Recópolis, Toledo, Córdova, Sevilha, Tucci, Mérida, Salamanca e Tuy<sup>5</sup>. A estas catorze *cecas* Xavier Barral i Altet acrescenta, ainda, uma décima quinta - a ceca de *Bracara*, representada por uma única moeda conhecida, aparecida em Skåne (Suécia), naquele que é o mais setentrional achado de uma moeda visigótica, espelhando os fluxos comerciais atlânticos<sup>6</sup>. De todas estas oficinas, a que teve maior produção foi, naturalmente, a de Toledo, sediada na cidade áulica. É a ela que pertence a nossa moeda.

## 2. Paralelos

Como referimos, o triente de Vitiza aparecido em Alva constitui uma variante ao tipo classificado por George Miles com o nº 500(d). Com efeito, na legenda do reverso, o nosso exemplar apresenta, a rematar, duas palmetas estilizadas, enquanto que o exemplar classificado por Miles só ostenta uma. Tal como aconteceu com a única palmetas do tipo 500(d), esta segunda palmetas foi gravada para preencher o espaço que ficava livre no final da legenda. Este pormenor revela que o abridor do cunho do reverso não planeou devidamente a distribuição dos caracteres da legenda, tendo-se confrontado com a necessidade de incluir estes símbolos estilizados que, com um módulo semelhante aos das letras, ajudaram a preencher a mancha gráfica que quedava livre. Não conhecemos nenhum outro exemplar com estas características. No entanto, o tipo 500(d) de Miles encontra-se

---

<sup>4</sup> Na questão sucessória, a sociedade visigótica dividiu-se entre Áquila, filho de Vitiza, que recolheu apoios na Tarraconense e na Cartaginense, e Rodrigo, descendente de Chidasvinto, que contou com apoios na Galécia, na Lusitânia e em parte da Cartaginense, tendo acabado por ser eleito este último. Pouco tempo depois, a pedido de alguns sectores da nobreza visigótica, os primeiros contingentes militares muçulmanos desembarcavam na Península, pondo termo ao Reino Visigótico.

<sup>5</sup> Cf. Mário Gomes Marques, J. M. Peixoto Cabral e José Rodrigues Marinho, *Ensaio sobre História Monetária da Monarquia Visigótica*, Porto, SPN, 1995, Anexo 2, pp. 277-279.

<sup>6</sup> Cf. Xavier Barral i Altet, *La circulation des monnaies suèves et visigothiques. Contribution à l'Histoire Économique du Royaume Visigot*, "Beihefte der Francia", Band 4, München, 1976, p. 194, nº 163.

representado na excepcional colecção da American Numismatic Society<sup>7</sup> e estava igualmente representado na histórica colecção reunida no Séc. XIX por Luís José Ferreira<sup>8</sup>.

Como também já tivemos ensejo de referir, as moedas de Vitiza com procedência conhecida são relativamente raras. Xavier Barral i Altet, em 1976, arrolou apenas cinco exemplares:

- Cueva Foradada (Sarsa de Surta, Huesca)
- Pals (Cherta, Tarragona)
- San Juan de los Baños (Baños de Cerrato, Palência)
- Rognonas (Bouches-du-Rhône, França)
- Skáne (Suécia)<sup>9</sup>.

Na sua recente actualização dos achados de moedas suélicas e visigóticas, António Faria Marques acrescenta mais três achados, num total de oito moedas:

- El Bovalar (Seròs, Segrià, Lérida) (seis trientes de Vitiza)
- Monchique (Faro)
- Herdade ou Monte da Pipa (Pias, Beja)<sup>10</sup>.

O triente de Alva é, assim, o décimo quarto exemplar de trientes cunhados por Vitiza com proveniência conhecida.

### 3. Outros materiais coevos

Os obscuros séculos da Alta Idade Média começam, aos poucos, a ser desvendados entre nós. Na zona da Beira Alta, onde ocorreu o nosso achado, podemos arrolar uma série de materiais que pertencem aos Séc. VI a VIII e que ajudam a lançar luz sobre esta época<sup>11</sup>.

Aquele que se encontra mais perto da nossa moeda - quer cronológica, quer geograficamente - é uma pequena peça de ouro estudada por Fernando Russell Cortez e por este classificada como uma ponteira de bainha de punhal. Esta peça terá aparecido no leito de uma ribeira que corre perto de Vila Nova de Paiva e foi adquirida pelo Museu Nacional de

<sup>7</sup> Inv. N.º 1001.57.616, com um peso de 1,464 gr. - Vd. catálogo *online* em [www.amnumsoc.org](http://www.amnumsoc.org).

<sup>8</sup> George C. Miles, "The Ferreira Collection of Visigothic Coins", *The American Numismatic Society Museum Notes*, XII, New York, 1966, N.º 71 (F-76), com um peso de 1,46gr.

<sup>9</sup> Cf. Xavier Barral i Altet, *La circulation des monnaies suèves et visigothiques. Contribution à l'Histoire Économique du Royaume Visigot*, «Beihefte der Francia», Band 4, München, 1976, p. 194, n.º 159-163, p. 194.

<sup>10</sup> Cf. António Marques Faria, "On finds of Suevic and Visigothic Coins in the Iberian Peninsula and their interpretation", *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area*, 3, Santarém, 1988, p. 78, N.º 48-55. Sobre o achado da Herdade ou Monte da Pipa (Pias), vd. tb. D. Fernando de Almeida, "Notas sobre moedas visigóticas", *O Arqueólogo Português*, IIIª Série, vol. 5, Lisboa, 1971, pp. 218-219.

<sup>11</sup> Na mais recente síntese sobre o povoamento do Alto Paiva, Marina Afonso Vieira sublinha como são escassos os dados arqueológicos disponíveis para se traçar o panorama altomedieval desta zona. Ainda assim, detecta reocupações desta época em povoados fortificados como os castros do Castelo de Ariz, do Muro e de Vila-Cova-à-Coelheira. Cf. Marina Afonso Vieira, *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*, Lisboa, IPA, 2004, pp. 57-61.

Arte Antiga, onde se conserva depositada. Trata-se de uma pequena placa de ouro, subtriangular com cantos arredondados, medindo 2,6 cm de comprimento e 2,2 cm de largura<sup>12</sup>. Apresenta-se ornamentada com três motivos circulares repuxados a martelo, localizados junto de cada extremo da placa, sendo a restante superfície preenchida com fios de ouro torcidos e soldados, que contornam os repuxados e ocupam a restante superfície com motivos vermiculados e em SS<sup>13</sup>. Segundo Russell Cortez, encontra paralelos estreitos em materiais saídos da Necrópole de Casteltierra (Segóvia).

Outras peças, também atribuídas à época visigótica por Russell Cortez, apareceram no Castro da Trepá (Sobral Pichorro, Fornos de Algodres). Trata-se de um punhal de bronze e de uma *patena crismalis*<sup>14</sup>. Pedro de Palol questionou o “visigotismo” desta *patena*<sup>15</sup>, mas em relação ao punhal parece não haver dúvidas quanto à sua filiação cronológica e cultural já que se conhecem paralelos provenientes das necrópoles de Simancas, Hornillos del Camiño (Burgos), Nuez de Abajo (Burgos), Suellacabras (Sória) e San Miguel del Arroyo (Valladolid)<sup>16</sup>.

No mesmo estudo consagrado aos objectos litúrgicos, Russell Cortez arrolou uma outra *patena crismalis* proveniente do Castro de Safail (Vila Nova de Tázem, Gouveia), que também atribuiu à época visigótica. Apresenta, ao centro, em torno do umbo circular, uma inscrição onde se regista o antropónimo *Argimiri*, de evidente raiz germânica<sup>17</sup>. Esta peça, aparecida no Séc. XIX, foi vista e estudada por Francisco Martins Sarmiento, que comunicou a Emílio Hübner a sua leitura da inscrição<sup>18</sup>. Mas Emílio Hübner classificou-a

<sup>12</sup> Cf. Fernando Russell Cortez, “Peça de Ourivesaria Visigótica de Vila Nova de Paiva”, *Beira Alta*, vol. 4(2), Viseu, 1945, pp. 120-125, Marina Afonso Vieira, *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*, Lisboa, IPA, 2004, pp. 61 e 153-154 (Nº 101).

<sup>13</sup> Esta peça está a ser re-estudada por Marina Afonso Vieira, no âmbito da sua dissertação de Doutoramento.

<sup>14</sup> Cf. Fernando Russell Cortez, “A faca-punhal visigótica do Castro-da-Trepá (Fornos de Algodres)”, *Crónica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español*, Albacete, 1946, pp. 356-358; Fernando Russell Cortez, “Objectos de Liturgia Visigótica encontrados em Portugal. Séculos V a VII (Alguns elementos para a sua cronologia)”, sep. de *O Instituto*, Coimbra, 1950, pp. 21-26.

<sup>15</sup> Cf. Pedro de Palol Salellas, *Bronces Hispanovisigodos de origen Mediterráneo. I. Jarritos y Patenas Litúrgicos*, Barcelona, 1950, p. 82.

<sup>16</sup> Os primeiros paralelos foram citados por Russel Cortez, *op. cit.*. Para San Miguel del Arroyo vd. Pedro de Palol, “La Necrópolis de San Miguel del Arroyo y los broches hispanorromanos del siglo IV”, *B.S.A.A.*, vol. XXXIV-XXXV, pp. 107-108 (Sep. 10), 114-115 (Sep. 17) e 132-133 (Sep. 30).

<sup>17</sup> Cf. Fernando Russell Cortez, “Objectos de Liturgia Visigótica encontrados em Portugal. Séculos V a VII (Alguns elementos para a sua cronologia)”, sep. de *O Instituto*, Coimbra, 1950, pp. 13-21.

<sup>18</sup> Mário Cardozo, *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmiento (Arqueologia e Epigrafia) 1879-1899*, Guimarães, 1947, pp. 277-280, 283-291. Foi publicada por José Maria Cordeiro de Sousa, “Inscrições dos Séculos VIII a XII existentes em Portugal”, *Ethnos*, vol. III, Lisboa, 1948, Nº 66 (inscrições em objectos de ourivesaria religiosa); D. Fernando de Almeida, “Arte Visigótica em Portugal”, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, vol. 4, Lisboa, 1962, p. 234; Maria Fernanda de Matos Pires, *Documentos Arqueológicos para a História das Origens do Cristianismo em Portugal*, diss. de Licenciatura,

do Séc. IX, o que lança, uma vez mais, as dúvidas quanto à filiação cronológica desta peça. Esteve durante muitos anos dada como perdida, tendo sido localizada por Russell Cortez na posse do Sr. João Pacheco Teixeira Rebelo de Carvalho, dono da Quinta do Mosteiro em S. Simão da Junqueira (Vila do Conde). Por iniciativa de Russell Cortez foi, então, arrolada nos Bens Nacionais<sup>19</sup>. Recentemente, foi vendida em leilão organizado pela firma Palácio do Correio Velho, em Outubro de 2004.

Os materiais de ourivesaria visigótica da Beira Alta contemplam, ainda, um anel de ouro, aparecido em Manteigas e noticiado em primeira-mão por Leite de Vasconcelos<sup>20</sup>.

A nível epigráfico salientemos a presença de três inscrições do Séc. VI e VII nesta área: o epitáfio de [...] *Janda (Servanda? Amanda?)*, datado de 23 de Junho de 586, que se encontrava na Capela de S. João, em Vide (Rua, Moimenta da Beira) mas que, infelizmente, está há muito desaparecido<sup>21</sup>; o epitáfio de *Florentia*, de 1 de Abril de 588, noticiado na Capela de N<sup>ra</sup>. S<sup>a</sup>. de Seixas, Arcas (Sever, Moimenta da Beira) e também há muito desaparecido<sup>22</sup>; e o epitáfio de *Suinthiliuba*, de 5 de Novembro de 666, que se conserva embutido na capela-mor da Igreja de St<sup>a</sup>. Maria de Açores (Açores, Celorico da Beira)<sup>23</sup>.

Face a tão parcos dados arqueológicos para estas centúrias, compreende-se por que o aparecimento de um triente em Alva constitui um valioso elemento. Esta pequena moeda é, de resto, o mais antigo elemento conhecido para a história desta povoação.

A paróquia de S. Martinho de Alva encontra-se documentada já no Séc. XIV, quando surge taxada em 70 libras no *Catálogo de todas as Igrejas, Comendas e Mosteiros*, de 1320-21<sup>24</sup>. Encontrava-se, então, incluída no Arciprestado de Lafões. Recebeu Foral de D. Afonso III, em 1275, e Foral Novo, manuelino, em 9 de Maio de 1504.

Coimbra, Faculdade de Letras, 1967, pp. 215-218; José Vives, *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, 2<sup>a</sup> ed., Barcelona, 1969, p. 321, N<sup>o</sup> 568. Emilio Hübner atribuiu-a ao Séc. IX e por isso não a incluiu nas suas *Inscriptiones Hispaniae Christianae*.

<sup>19</sup> *Diário do Governo*, 2<sup>a</sup> Série, n<sup>o</sup> 23, de 28 de Janeiro de 1947.

<sup>20</sup> José Leite de Vasconcelos, "Anel de ouro de época visigótica", *O Archeólogo Português*, 1<sup>a</sup> Série, vol. XXIV, Lisboa, 1920, pp. 275-276; Maria Fernanda de Matos Pires, *Documentos Arqueológicos para a História das Origens do Cristianismo em Portugal*, diss. de Licenciatura, Coimbra, Faculdade de Letras, 1967, pp. 180-181; José Vives, *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, 2<sup>a</sup> ed., Barcelona, 1969, p. 323, N<sup>o</sup> 579.

<sup>21</sup> Encontra-se publicado em numerosos estudos. Vd. a listagem em Mário Jorge Barroca, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, vol. III, Lisboa, FCG-FCT, 2000, Inscrições Paleocristãs, N<sup>o</sup> 56, pp. 26-27.

<sup>22</sup> Cf. Mário Jorge Barroca, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, vol. III, Lisboa, FCG-FCT, 2000, Inscrições Paleocristãs, N<sup>o</sup> 58, pp. 27-28.

<sup>23</sup> Cf. Mário Jorge Barroca, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, vol. III, Lisboa, FCG-FCT, 2000, Inscrições Paleocristãs, N<sup>o</sup> 70, p. 32. Sobre a datação desta inscrição veja-se Mário Jorge Barroca, "A Inscrição de St<sup>a</sup>. Maria de Açores (666). Nova Leitura", *Revista da Faculdade de Letras - História*, 2<sup>a</sup> Série, vol. IX, Porto, 1992, pp. 507-516.

<sup>24</sup> Cf. Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, Porto, Liv. Civilização, 1971, p. 119.